

**ENTREVISTA COM A PROFESSORA
DR.^a VANESSA RIBEIRO CASTAGNA
- UNIVERSIDADE CA´FOSCARI DE
VENEZA**

Por Eloísa de Oliveira Lima **1**

Graduada em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso. **1**
Mestre em Estudos de Linguagem também pela Universidade Federal
de Mato Grosso. Atualmente, ocupa o cargo de Revisora de Textos da
Universidade Federal de Mato Grosso, lotada na Gerência de Graduação e
Extensão do Câmpus Universitário do Araguaia. Lattes: [http://lattes.cnpq.
br/9096312088276032](http://lattes.cnpq.br/9096312088276032). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5343-7623>.
E-mail: elolimaster@gmail.com

Vanessa Ribeiro Castagna é Professora Associada na Universidade Ca' Foscari de Veneza, Itália, tradutora e pesquisadora da Língua Portuguesa, em suas variantes PE e PB, o que a constitui como grande colaboradora na difusão da Língua Portuguesa como língua estrangeira.

ICHS : Há quanto tempo está na Itália ensinando Português? Poderia nos falar brevemente sobre essa experiência?

Prof.^a Vanessa: Por vicissitudes familiares, o início da minha experiência no ensino do português como língua estrangeira não coincide com a minha chegada à Itália, onde na verdade passei boa parte da minha infância e adolescência e onde me formei. Tive, portanto, a oportunidade de conhecer por dentro, de antemão e na perspectiva de estudante, o contexto em que mais tarde viria a atuar, primeiro como leitora e mais tarde como professora, passando por diferentes estatutos, concursos e formas de contratação. Desde quando comecei a ensinar português, na universidade italiana, houve alterações importantes no seio do ensino das línguas modernas de maior projeção, incluindo o português apesar de não contar com números tão avultados de alunos como outras línguas como o inglês, o francês, o alemão ou o espanhol. Em particular, na sequência de um processo de ampla reestruturação da universidade, pelo Decreto 509/1999 determinou-se a separação entre a componente linguística e a componente literária da disciplina denominada tradicionalmente “língua e literatura portuguesa”, dando origem a dois setores científico-disciplinares distintos. Como consequência dessa reforma, passou a delinear-se a figura do professor de língua portuguesa, diferente da do leitor, que já existia. Enquanto o leitor trabalha a língua numa perspectiva principalmente comunicativa e é por estatuto um falante nativo, o professor pode não ser falante nativo, mas caracteriza-se por formação e competências específicas na área dos estudos da linguagem na língua que ensina. Essa reforma tem regulamentado a minha área específica de atuação, dado que a minha experiência de ensino ao longo de duas décadas concentrou-se quase exclusivamente no nível superior, com alunos inscritos em cursos de licenciatura e mestrado da área das línguas, literaturas e culturas e/ou da tradução, que constituem a quase totalidade dos aprendentes de português no ensino formal na Itália. Ao lado dessa experiência preponderante, por alguns meses, em 2008, dei aulas de português a um aluno brasileiro a residir na Itália, inscrito numa escola profissional de turismo: esse aluno beneficiou-se com as orientações da província de Trento, onde o estabelecimento escolar se situava, que garante aos alunos estrangeiros percursos personalizados e intervenções para a manutenção e o desenvolvimento de competências na sua própria língua materna. Foi uma experiência pontual, muito estimulante, que me deu a conhecer um outro contexto de ensino/aprendizagem e me alertou para a existência de áreas de atuação que ainda não são completamente exploradas, mas que poderão vir a reforçar-se em virtude de uma presença significativa de brasileiros na Itália. No ano académico 2014/15, tive ainda o privilégio de formar futuros professores de português para a eventual introdução desta disciplina no ensino secundário, no âmbito do chamado TFA (Tirocinio Formativo Attivo, “estágio formativo ativo”), que constituiu uma experiência única e muito marcante e que, para o português, envolveu apenas as Universidades Ca' Foscari de Veneza e a de S. Pio V de Roma.

ICHS: Como surgiu a oportunidade de ensinar Português numa universidade italiana? Que tipo de convênio foi firmado entre seu país de origem e a Itália?

Prof.^a Vanessa: A minha primeira experiência formal de ensino de português na Itália deu-se no ano académico de 1999/2000, há vinte anos já. Tinha-me formado há pouco mais de um ano e tinha passado por outras experiências profissionais ligadas de forma mais ou menos direta à área das línguas, incluindo a prática da tradução. Encontrava-me então a viver na Itália, perto da cidade de Verona, mantendo-me atenta a oportunidades que surgissem e que me permitissem focar-me profissionalmente no âmbito dos estudos portugueses. Nessa altura, a Universidade de Trieste, em particular o departamento que formava intérpretes e tradutores (SSLMIT – Scuola Superiore di Lingue Moderne per Interpreti e Traduttori) abriu uma

vaga para leitor(a) suplente, por indisponibilidade temporária da leitora então contratada. A experiência apresentava-se, portanto, como transitória; porém no ano seguinte a necessidade de um(a) leitor(a) suplente voltou a surgir e, nos anos seguintes, passei a ser contratada como “docente a contratto” nessa mesma universidade. A partir do ano académico de 2005/2006, com doutoramento já concluído, a minha experiência foi diversificando-se, na medida em que comecei a colaborar com a Universidade Ca’ Foscari de Veneza, mas, ao mesmo tempo, passei por outras experiências junto das Universidades de Pádua e de Pavia. O tipo de função que fui desempenhando ao longo dos anos também se modificou, dependendo da instituição e da progressão da carreira.

No caso da Universidade de Trieste, que me propiciou a oportunidade de ter a primeira experiência docente num contexto em que, já na altura, as línguas estrangeiras eram ensinadas separadamente das literaturas, não existiam protocolos de cooperação, ou convénios de algum género, com Portugal nem com outros países lusófonos. Existia, noutro plano, uma rede de acordos Erasmus que envolvia universidades portuguesas, mas não havia nenhum programa de apoio para a contratação de professores ou, em geral, para o ensino do português, o que, a meu ver, teria permitido uma consolidação dos estudos lusófonos nessa instituição que, infelizmente, não se pôde concretizar.

Vice-versa, o meu desempenho em Veneza, em Pádua e em Pavia foram possibilitados pela existência de protocolos de cooperação, que previam, com condições diferenciadas para cada universidade envolvida, o (co)financiamento de um professor/leitor, de preferência falante nativo, apostando na colaboração entre entidade financiadora e instituição beneficiada de modo a criar a devida sinergia.

ICHS: Quais são os principais desafios enfrentados no ensino de Português como língua estrangeira?

Prof.^a Vanessa: A falta de uma tradição no ensino do português em níveis de ensino que não sejam o superior gera uma espécie de invisibilidade da língua portuguesa, que não faz parte das disciplinas com que os alunos italianos devem ou podem entrar em contacto antes de entrar na universidade. Um desafio que, portanto, surge *a priori* é o de dar maior visibilidade ao português e fazer com que a sua presença na oferta formativa das universidades italianas seja divulgada e possa ser considerada aliciante, ou seja, uma alternativa interessante para os alunos que escolhem o seu percurso académico. Trata-se de um desafio que exigiria a implementação de políticas linguísticas específicas, dado que a situação de visibilidade do português poderia ser resolvida pela sua introdução concreta no ensino “médio”, criando, portanto, uma continuidade entre níveis de educação. Essa continuidade garantiria, inclusive, uma maior procura do português em nível universitário, favorecendo uma maior atribuição de recursos a este setor disciplinar. A falta de tradição, por outro lado, implica uma notável escassez de materiais didáticos, comparativamente com outros idiomas que, pelo contrário, contam com esse tipo de tradição (inglês, francês, alemão, a que se acrescentou mais recentemente o espanhol). Ainda que o número de alunos que estudam português na universidade tenha aumentado bastante ao longo das duas últimas décadas, a produção de materiais e métodos específicos para o ensino de PLE a itálofonos tem-se mantido insatisfatória, o que coloca o professor e/ou o leitor na necessidade de criar ou adequar recursos. Dispor de recursos didáticos adaptados aos aprendentes, tendo em conta em particular a sua língua materna, é importante para poder aproveitar no máximo a transferibilidade de uma língua a outra (transfer positivo), propiciada pelo facto de o português e o italiano serem línguas afins. Outro desafio ligado à prática docente envolve a riqueza de variedades nacionais da língua portuguesa e, mais em particular, o facto de ser caracterizada por uma norma dual. O modo como essa dualidade é encarada pelos docentes de português na Itália não é uniforme, dependendo de fatores variados como, entre outros: tradição ou necessidade específica que orienta essa prática no seio de uma determinada instituição; nacionalidade dos docentes falantes nativos; formação dos docentes italianos...

ICHS: Para você, o que favorece/fomenta o interesse pela Língua Portuguesa na Itália?

Prof.ª Vanessa: De acordo com o que tenho averiguado junto dos nossos alunos ao longo dos anos, o interesse pela língua portuguesa, nomeadamente o que leva um aluno a procurar a disciplina de língua portuguesa na Itália num contexto de ensino formal, pode variar bastante. Partindo da minha própria experiência, um aluno que se está a formar como intérprete ou tradutor pode ser impelido por uma motivação intrínseca ou, o que acontece frequentemente, por uma estimativa de empregabilidade da língua a nível profissional, junto das instituições europeias ou no setor privado, construindo as suas competências numa combinatória original e apetecível de idiomas. Já no contexto da formação em línguas e culturas estrangeiras, o interesse muitas vezes é menos definido. Havendo pouca visibilidade de tudo o que envolve a língua portuguesa nos vários níveis de ensino que antecedem o superior, os alunos podem ser levados a procurar o português por um fascínio nem sempre definido pelo mundo de língua portuguesa, fomentado por viagens de turismo (a Portugal, na maior parte dos casos), mais raramente por experiências de intercâmbios tidas no penúltimo ano do liceu em Portugal ou no Brasil (por exemplo através dos programas da associação Intercultura), ou então por ter entrado em contacto com autores de língua portuguesa traduzidos na Itália, entre os quais se destacam Fernando Pessoa, Clarice Lispector, José Saramago, Jorge Amado, entre outros. Nessa perspectiva, é evidente que o apoio à tradução e à edição de autores de língua portuguesa na Itália é uma medida de política linguística que tem os seus efeitos em vários planos. Outro elemento gerador de curiosidade são as chamadas “imagens de marca”, sobre as quais se focalizou também o trabalho organizado por Luís Reto sobre o potencial económico da língua portuguesa e o seu valor como ativo global. Essas imagens de marca podem incluir produtos de marca portugueses ou brasileiros, comercializados ou consumidos na Itália (Havaianas, caipirinha...) ou, de forma mais significativa, personagens de excelência que se destacam no seu âmbito profissional ou artístico. O desporto, sobretudo através do futebol e da Fórmula 1, tem dado visibilidade a futebolistas, treinadores e pilotos portugueses e brasileiros de primeiro nível, que acabam por ser embaixadores involuntários da nossa língua e cultura, associando-as portanto a um valor positivo e a uma imagem de sucesso. A nível artístico, a música brasileira (por exemplo a MPB em toda a sua riqueza), o fado ou outros fenómenos musicais portugueses (como foram na época os Madredeus), mas também o cinema ou outras expressões, dão uma visibilidade que pode propiciar um interesse mais profundo, levando os alunos italianos a aproximar-se da língua portuguesa. Em geral, precisamente devido a uma visibilidade insuficiente do mundo de língua portuguesa nos programas de ensino e um relacionamento comercial menos consolidado do que com outros parceiros, de facto, num primeiro contacto, os alunos tendem a aproximar-se da língua portuguesa por interesse intelectual, estético ou pessoal e só numa fase posterior tomam consciência das potencialidades profissionais e económicas que esta língua lhes pode proporcionar.

ICHS: Que tipo de reflexão lhe trouxe o ensino de Português como língua estrangeira num contexto italiano? Que mudanças foram necessárias na sua prática docente?

Prof.ª Vanessa: As reflexões engendradas no ensino de português no contexto italiano onde tenho atuado colocam-se em várias ordens e só em parte envolvem a prática docente *strictu sensu*. Uma primeira reflexão concerne à importância de atuar políticas linguísticas específicas a fim de produzir uma consolidação ou um alargamento da presença da língua portuguesa, com tudo o que ela veicula, na Itália (e não só). As políticas linguísticas e culturais, por seu lado, desdobram-se em múltiplas ações e podem envolver sujeitos/atores diferentes, a fim de promover o português como língua estrangeira. Em particular, se por um lado instituições como o Camões, I.P. podem apoiar concretamente o recrutamento de professores através de protocolos de cooperação, ou convénios de algum tipo, por outro lado muito trabalho pode ser feito na planificação do estatuto do português e do seu prestígio. Assim, por exemplo, conseguir introduzir realmente o português como língua estrangeira no ensino “médio” ou aumen-

tar a circulação de produtos culturais dos países de língua portuguesa que possam amplificar o prestígio associado à língua seriam ações propiciadoras de uma maior procura do português como língua estrangeira, em geral. Neste sentido, na verdade, os próprios professores de português acabam por ter um papel de ação “política”, tentando promover individualmente e coletivamente, no território nacional italiano, a visibilidade e o prestígio do português, quer dinamizando em primeira pessoa o panorama das traduções de obras de autores de língua portuguesa (através dos contactos com a editoria, a proposta de autores, a tradução e promoção de obras) quer através da AISPEB (Associazione Italiana di Studi Portoghesi e Brasiliani), criada em 2010, que reúne a quase totalidade de professores universitários e pesquisadores de estudos de área lusófona na Itália. A Associação reúne-se com regularidade e, entre outras ações, tenta mapear e dinamizar a situação destas disciplinas na Itália, promovendo as medidas que são tidas como oportunas para reforçar a comunidade académica e difundir e consolidar os estudos portugueses, brasileiros e africanos na Itália. Outras ações poderão ganhar força vindo “de baixo”, por força da comunidade interessada: já existem associações culturais de brasileiros que tentam manter vivo o português como língua de herança junto das novas gerações e que possivelmente no futuro solicitarão uma maior oferta de cursos de português junto das instituições de ensino. A nível de prática docente, a fluidez das situações concretas de ensino que tenho experimentado – em várias universidades, com diversas funções, mas também em épocas diferentes, marcadas por reformas do ensino universitário, reestruturação de cursos, mudanças no quadro docente etc. – leva-me a estimar especialmente a capacidade de adaptação, que deve ser constante e exige uma grande atenção em relação à instituição e ao percurso formativo em que a nossa atuação se insere (cujos objetivos podem variar sensivelmente), perante o aluno que temos à nossa frente (enquanto aprendiz e enquanto indivíduo, cuja preparação prévia, cujos interesses e expectativas vão inevitavelmente mudando) e em geral perante o contexto em que atuamos. Em relação ao ambiente de trabalho, tenho sempre tentado harmonizar-me com os/as restantes colegas da minha área, na tentativa de valorizar cada individualidade, no maior respeito recíproco e procurando otimizar o trabalho de equipa, que beneficia tanto o pessoal docente como os alunos. Nesse sentido, ao coordenar o trabalho de equipa, é necessário ir introduzindo mudanças (pequenas ou maiores) em função das competências e dos interesses mais específicos de cada colega. Por fim, há uma mudança que considero muito enriquecedora e que junta vários dos elementos que acabo de referir, ou seja, uma abertura cada vez maior a outras normas e variedades do português. A minha primeira experiência, em Trieste, deu-se num contexto em que, em função das perspectivas de emprego junto de instituições da União Europeia, o português que se ensinava era o português europeu, na sua variedade padrão. Em Veneza, pelo contrário, a disciplina já na sua denominação oficial (Lingua portoghese e brasiliana, “língua portuguesa e brasileira”) aponta para uma visão mais abrangente que, de facto, nos permite trabalhar tanto com o português europeu como com o brasileiro e, inclusivamente, explorar as variedades africanas.

ICHS: Você acha que o perfil ou identidade do professor de português influencia no interesse dos estudantes e nos resultados obtidos?

Prof.^a Vanessa: A minha opinião só pode confirmar o que vários estudos sobre o tema já sobejamente revelaram acerca da importância do professor, enquanto indivíduo específico que assume uma determinada função pedagógica e/ou de formação, relacionando-se com outros indivíduos. É no espaço dessa relação interpessoal muito própria e sempre diferente que se constrói um pacto mais ou menos implícito de ensino/aprendizagem e a qualidade dessa relação, construída e constantemente negociada por pessoas concretas, é um fator essencial para um processo bem-sucedido. No caso do professor de línguas, há algumas especificidades adicionais, que bem foram mapeadas por Simon Borg, por exemplo, num artigo intitulado “The distinctive characteristics of language teachers”, demonstrando que realmente o professor de línguas é percebido de uma forma única, que parece distingui-lo de outros professores, devido a elementos como a natureza dinâmica da língua e a sua complexidade, pelos diversos planos

de competência que envolve, o objetivo próprio desse ensino/aprendizagem e a relação mais próxima que costuma estabelecer-se entre docente e aprendentes. Nessa perspectiva, é inevitável que o professor acabe facilmente por influenciar ou orientar o interesse dos alunos, podendo inclusive criar-se um diálogo em que o professor estimula novos interesses; mas ao mesmo tempo saberá responder e aproveitar no processo de ensino/aprendizagem os interesses manifestados espontaneamente pelos seus alunos. Contudo, no caso concreto em que atuo, com aprendentes que são estudantes de nível superior, o papel do professor, a meu ver, acaba por ser menos determinante se comparado com outras faixas etárias, em que a motivação intrínseca é menor. Por outras palavras, remetendo em particular para o quadro esboçado por Gardner, há vários fatores que podem influenciar de forma mais ou menos direta a motivação do aprendente, contribuindo para a integratividade, a instrumentalidade e a atitude face à situação de aprendizagem. Os estudantes universitários que optaram pela área das línguas são jovens adultos que por sua própria escolha decidiram enveredar precisamente pelo estudo linguístico e pela aprendizagem avançada de línguas estrangeiras, o que significa que costumam ter uma motivação forte alimentada à partida por fatores que determinam a propensão à integratividade (sobretudo o interesse pela língua escolhida e pela(s) cultura(s) que esta veicula e, num plano mais prático, fatores instrumentais ligados ao crescimento pessoal e à preparação e competitividade profissional). Vice-versa, a atitude face à situação de aprendizagem (o curso em si, incluindo os aspetos materiais de realização, o professor etc.) tem uma variabilidade maior e será mais ou menos determinante em função de cada aluno. A minha experiência acaba por confirmar esse quadro: o professor pode desempenhar um papel fundamental com vista a dinamizar os interesses e estimular os alunos, de modo a reforçar a sua motivação e, por esta via, fazer com que os seus resultados se potenciem. No entanto, há alunos para quem a motivação é alimentada principalmente por outros fatores, pelo que o papel do professor no fundo acaba por não ser tão importante. Além disso, é sabido que a variabilidade individual é determinante para os resultados, dependendo por exemplo do *background* do aluno e de diferenças individuais a nível tanto biológico como experiencial.

ICHS: Considerando que, em Portugal, o Instituto Camões é o organismo de referência na promoção da língua e da cultura portuguesas, poderia nos dizer de que forma se dá a atuação desse Instituto com relação ao seu trabalho na Universidade Ca' Foscari de Veneza?

Prof.^a Vanessa: O Instituto Camões (ou Camões, I.P., segundo a sua atual denominação) tem apoiado consideravelmente os estudos portugueses em Ca' Foscari. Inicialmente esse apoio dava-se pelo envio de um leitor de intercâmbio (figura que entretanto deixou de existir na Itália) e a atribuição todos os anos de bolsas de estudo para frequentar cursos de verão em Portugal. Nessa altura tratava-se de uma oportunidade ótima para os alunos de português, porque o programa de intercâmbio Erasmus não existia, ou estava a dar os primeiros passos, e ainda não existia a dimensão da viagem *low-cost* na Europa. No dealbar do milénio, as políticas de apoio do Instituto Camões foram redefinindo-se e orientando-se cada vez mais, pelo menos no contexto europeu, em função de um apoio localizado, através de protocolos de cooperação para permitir às universidades estrangeiras signatárias a contratação de leitores no local ou através da criação e do financiamento de cátedras dedicadas à literatura e à cultura portuguesa. No caso concreto, o meu desempenho na área do ensino do português na Universidade Ca' Foscari foi precisamente possibilitado pela firma de um protocolo de cooperação que previa a contratação de um(a) colaborador(a) com funções de leitor. Permaneci seis anos nessa função, tendo a oportunidade de fazer parte da rede do Instituto Camões, contribuir para a recolha de dados finalizados a projetos de pesquisa sobre a língua portuguesa, aceder em condições vantajosas a ações de formação a distância organizadas pela própria instituição, acolher iniciativas patrocinadas pelo Instituto etc. Essa experiência foi especialmente enriquecedora e permitiu-me, em seguida, passar para outras funções; mas mesmo depois da minha desvinculação pessoal do Instituto Camões, a atuação desta instituição com relação à Universidade tem-se confirmado essencial para o alargamento do ensino do português, em termos de disciplinas ministradas na área dos estudos de área lusófona, de número de alunos que

aprendem português, de iniciativas académicas e culturais organizadas com o seu patrocínio e de docentes contratados, que aumentaram significativamente nos último quinze anos, ou seja, a partir da nova modalidade de apoio fornecido pelo Instituto Camões a esta universidade. O apoio recebido tem possibilitado uma progressiva consolidação e expansão que teria sido muito difícil de outra forma.

Referências

Borg, Simon, “**The distinctive characteristics of foreign language teachers**”, in *Language Teaching Research*, 10,1 (2006), pp. 3-31.

Pinto, Paulo Feytor, **O essencial sobre política de língua**, Lisboa, INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2010.

Pinto, Paulo Feytor; Melo-Pfeifer, Silvia (org.), **Políticas linguísticas em português**, Lisboa, Lidel, 2018.

Gardner, Robert C., “**Integrative motivation and second language acquisition**”, in Dörnyei, Zoltán; Schmidt, Richard (ed.), *Motivation and second language acquisition*, Honolulu, University of Hawai’i - Second Language Teaching & Curriculum Center, 2001, pp. 1-19.

Gardner, Robert C.; MacIntyre, Peter D., “**A student’s contributions to second-language learning. Part II: Affective variables**”, in *Language teaching*, 26(1), 1993, pp. 1-11.

Reto, Luís (org.), **O essencial sobre a língua portuguesa como ativo global**, Lisboa, INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2020.

Reto, Luís (coord.), **Potencial económico da língua portuguesa**, Lisboa, Texto Editores, 2012.

Sitiografia

Associazione Italiana di Studi Portoghese e Brasiliani <http://aispeb.it/>

Camões – **Instituto da Cooperação e da Língua** (Portugal, Ministério dos Negócios Estrangeiros): <https://www.instituto-camoes.pt/>

Recebido em 28 de abril de 2021.

Aceito em 25 de maio de 2021.